Ano X — Lisboa, Fevereiro de 1954 — N.º 106

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

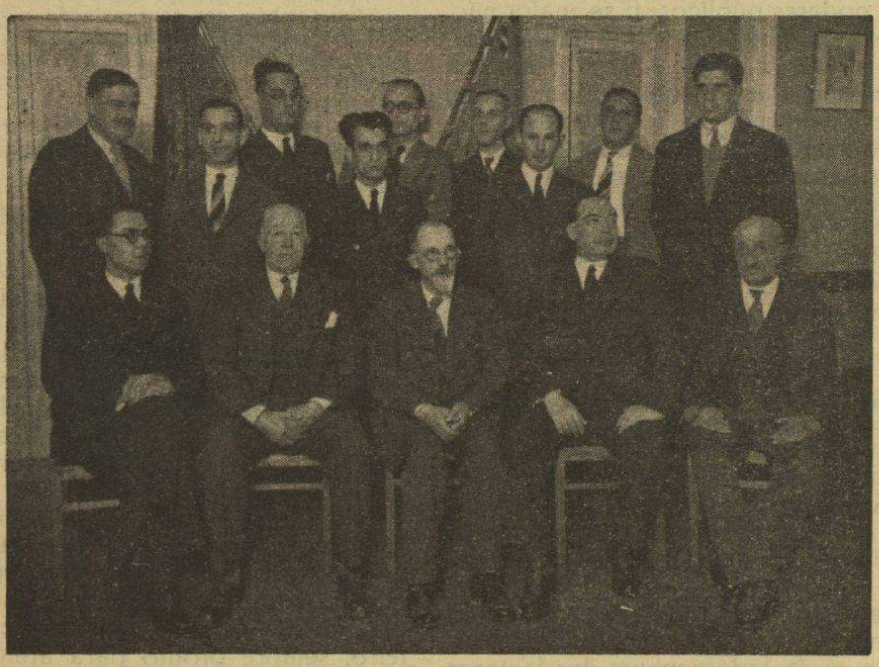
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O EXEMPLO DE UM MESTRE — MODELO DE EDUCADORES

Palavras votadas aos chefes, em memória do Dr. Sá Oliveira

Poucos dias antes de, em certa manhã, o jornal nos ter trazido a notícia do passamento do Dr. Sá Oliveira, ao darmos volta ocasional a papéis vários relacionados com actividades da A. E. P., encontrámos entre eles a conferência proferida pelo Dr. Alfredo de Carvalho, na Sociedade de Geografia, naquela noite de 2 de Junho de 1934, desde quando, junto à bandeira dos Escoteiros, passaram a figurar as insígnias da Ordem de Benemerência, e um outro opúsculo análogo, editado a



Posse da Comissão Permanente eleita pela Conferência de Dirigentes em 13 de Outubro de 1933, vendo-se ao centro o Dr. Sá Oliveira, presidente da A. E. P. Da esquerda para a direita vêem-se: 1.º plano — Dr. Fausto Salazar Leite, Roberto Moreton, Dr. Sá Oliveira, Comandante Melo Machado e Prof. Aníbal Pinheiro. 2.º plano — W. G. Pope, Albano da Silva, Dr. Valentim Lourenço, Rui Santos, Prof. Dr. Edmundo Lima Basto, António Manuel Ribeiro, Raul Nolasco, Alexandre Correia e António Ferreira da Silva

propósito da entrega, em Sintra, pelos fins desse mesmo mês, ao tenente-coronel João Luís de Moura, então Governador Civil de Lisboa, da insígnia de agradecimento pela sua cooperação na obra educativa em que a Associação andava empenhada.

Numa e noutra dessas publicações encontrámos passagens reveladoras da preocupação dominante do Dr. Sá Oliveira, daquela preocupação que dele fez um dos fundadores e o primeiro presidente da A. E. P. e, mais tarde, quase duas décadas passadas, levou os representantes dos Grupos a irem de novo buscá-lo para personificar a orientação vincada e exclusivamente educativa que queriam tivesse a Associação.

Se para os primeiros passos o Escotismo em Portugal precisava

(Continua na 2.ª página)

22 de Fevereiro — Dia do Pensamento

«Thinking Day» — *Dia do Pensamento* — assim denominam os escoteiros, o dia 22 de Fevereiro, o dia do aniversário natalício de Lorde Baden-Powell e de sua Esposa, Lady Olave Baden-Powell. É nesta data que os Cavaleiros da Flor de Lis comemoram estes acontecimentos, que tão profundas repercussões haveriam de ter nos jovens de todo o mundo, e meditam nos ideais de paz e de amizade cultivados através da Obra genial desse grande Amigo da juventude.

O Dia do Pensamento é, de facto, uma das mais felizes criações do Movimento Escotista. É que esta escola do carácter reclama dos seus sequazes uma atitude tão superior que, decerto, conduzi-los-á ao caminho da meditação, já que pensar é um dos privilégios concedidos à espécie humana.

Dizia Bacon que, «quem não quer pensar, é um fanático; quem não pode pensar, é um idiota, e quem não ousa pensar, é um cobarde», ilustrando, da melhor maneira, o destrambelhamento dos possessos arrastados pela vertigem e a vacuidade dos que se deixam embalar pela passividade. Pensar, é um imperativo para quem procura conduzir-se com sensatez e sabedoria. Necessário se torna, porém, que esse pensar seja algo mais que um devaneio ocioso, mas uma análise consciente dos problemas, levada a cabo com aquela honestidade, precaução e meticulosidade com que o cientista procura esclarecer-se ou documentar-se. E os Escoteiros não só querem pensar, como têm em que pensar. Pensam na admirável confraternidade que eles representam, pensam no esforço de aperfeiçoamento pessoal a que se entregam, pensam na Pátria que querem engrandecer, pensam no Criador que tão maravilhosamente

(Conclui na 2.ª página)

O EXEMPLO DE UM MESTRE

— MODELO DE EDUCADORES

(Continuação da 1.ª página)

de se socorrer da experiência do educador cuja capacidade pedagógica e idoneidade moral eram incontestáveis, ao retomar-se a *pista* não poderia escolher-se quem melhor continuasse a consubstanciar tal objectivo do que o prestigioso professor, mestre e modelo de educadores. Sempre fora o homem cujo realismo posto na labuta educativa havia de ser escolhido em 1913 para avalizar os propósitos básicos da instituição que, com outros esforçados entusiastas, acabava de fundar; continuava, anos mais tarde, a ser, ainda porventura com mais forte razão, quem, por ser exemplo vivo de virtudes morais e cívicas, pelo prestígio, ampliado e consolidado, de educador de sucessivas gerações, e de orientador de novos educadores, os representantes dos Grupos encontravam com as condições imprescindíveis para ser colocado à frente dos Escoteiros de Portugal.

Associação nacional cujo trabalho deveria decorrer à margem das flutuações da política, mas em estreito contacto com a Escola, o seu presidente deveria ser um vulto unânimemente respeitado, cujos actos sempre houvessem sido norteados pelo propósito de *servir* a educação da juventude.

Entendia-se, então, não servir para a A. E. P., outrem que, embora em maior relevo e até com méritos noutros campos, bem pudesse assumir a presidência de instituição com outras finalidades; preferia-se, antes e acima de tudo, um vulto de prestígio incontestável no meio educativo, e que em todas as circunstâncias sempre houvesse *vivido* o Compromisso do Escoteiro. Totalmente se afastava a ideia de procurar o apadrinhamento político para ser tolerada uma instituição que sempre servira Portugal, e que, portanto, em vez de agradecer o favor de a deixarem viver, tinha jus ao reconhecimento dos poderes públicos. E se maior não era a sua obra, não é porque faltasse tal ambição aos que tinham por única vaidade a de melhor *servir*, pois nem o Dr. Sá Oliveira, nem os mais responsáveis elementos da Comissão Permanente, dariam o seu concurso a quem quer se propusesse alcançar proveitos e honrarias à sombra do Escotismo, em vez de, por via dele, servir a educação nacional.

Para presidente não servia quem confundisse os «meios» com o «fim», isto é, quem considerasse os recursos de que deita mão o Escotismo, como finalidade e não como via para formar *homens conscientes dos seus deveres.* Também não se haveria de eleger quem esquecesse o principal, quero dizer o Rapaz, para um só momento que fosse se ocupar do Escotismo como pretexto para se evidenciar ou acrescentar falso lustro à sua pessoa.

E isto é bem corrente; nas três décadas de maior ou menor contacto com a vida escotista, desde que dispomos de condições para entender o método, temos visto um sem número de pessoas com responsabilidades, mais preocupadas com os nós e os sinais de pista, as formaturas e evoluções, os «fardamentos» e os distintivos, do que com o escopo do Escotismo que o Dr. Sá Oliveira nunca olvidava e procurava trazer sempre ao primeiro plano: «um sistema educativo destinado a completar a acção da Família e da Escola na *formação moral* da juventude».

Isto mais uma vez disse na sua palestra em Sintra, citada no início deste artigo, fazendo seguir as suas palavras de mais estas que tão bem completam as primeiras: «E não pomos de lado nenhum dos factores eficientes da educação: o sentimento religioso, conforme o ditame da Família; o ambiente físico, o campo principalmente, conforme as nossas capacidades; todo o género de actividade nobilitante; o ambiente social que acuradamente lhes proporcionamos, desviando-os — os rapazes — de tudo quanto possa prejudicar a sua formação moral».

Em síntese, seria difícil dizer-se melhor; é todo um programa, onde nem sequer falta a referência ao ambiente físico — estamo-nos lembrando do triste espectáculo de certas actividades ditas desportivas — posto com o pensamento exclusivo na educação da juventude. Seja-nos relevada a insistência, tão corrente é olvidar-se o educando, em encontros de dirigentes escotistas, pecado em que, mau grado nosso, também teremos caído algumas vezes.

Outro tanto não sucedia cada vez que agia o Dr. Sá Oliveira, como o revela a outra das duas referências citadas de início deste escrito que «Sempre Pronto» de nós pretendeu.

Com efeito, em breve introito à magnífica «lição» do Dr. Alfredo de Carvalho, dizia o então Presidente da A. E. P.: «Quero ser breve,

(Conclui na 3.ª página)

PELOS GRUPOS

O Grupo n.º 13 foi reorganizado

O Grupo n.º 13, anexo ao Grupo de Educação Integral da Sociedade de Geografia de Lisboa, unidade de grandes tradições dos Escoteiros de Portugal, a que o «Sempre Pronto» se tem já referido, acaba de proceder à reorganização dos seus serviços, notícia que deve alegrar os mais antigos escoteiros, na esperança de que o «13» volte a ocupar um lugar de relevo no Movimento Escoteiro, de harmonia com a sua história.

O prof. Júlio dos Santos, que há 24 anos chefiava o Grupo, passou a desempenhar o lugar de Presidente da Direcção e, tendo em atenção os relevantes serviços prestados ao Grupo, foi-lhe concedido o título de Escoteiro-Chefe Honorário, com todas as prerrogativas e atribuições inerentes ao cargo de Escoteiro Chefe.

Para chefiar o Grupo, foi nomeado o sr. Mário de Oliveira Gonçalves, já com folha de serviços ao Movimento, tendo chefiado o Grupo n.º 85 até à sua transformação em grupo marítimo.

Uma das resoluções mais importantes para a reorganização do grupo é a constituição da sua Direcção. Além do presidente já citado, fazem parte da Direcção os srs. Eng. José Maria Nobre Santos, secretário; Joaquim César Inso Antunes, tesoureiro; Vogais, os representantes do Núcleo dos Antigos Escoteiros: srs. Antero Nobre e Amadeu João Martins, e ainda um representante dos pais dos escoteiros a escolher oportunamente.

Núcleo de Antigos Escoteiros

Vai também ser reorganizado o Núcleo de Antigos Escoteiros do 13. A Comissão respectiva pede a todos os antigos membros do grupo para indicarem para a Sede a sua actual morada.

22 de Fevereiro — Dia do Pensamento

(Conclusão da 1.ª página)

se expressa nas mais diferentes manifestações.

Nunca, para o Homem, foi tão proveitoso meditar, como nos dias de hoje, em que tem atrás de si um caminho pejado de quedas desastrosas, mas também, graças a Deus, assinalado por experiências triunfantes, como bússola a indicar-lhe um caminho possível para regiões mais aprazíveis.

Meditar, é, pois, a palavra de ordem para os que querem seguir e triunfar. O 22 de Fevereiro será, portanto, uma síntese dessa atitude permanente do verdadeiro Escoteiro, sempre pronto para atingir um sentido de vida mais belo, no amor a Deus, à Família e ao semelhante.

* * *

Comemorando o Dia do Pensamento e por iniciativa do Grupo de Guias «Rainha D. Leonor», com a colaboração do Grupo n.º 10, realizou-se no Domingo, dia 21, na Igreja Presbiteriana da rua de S. Bento, um serviço religioso, o qual foi dirigido pelo antigo escoteiro Pastor Dr. Herbert Meza, que fez uma sentida oração alusiva ao dia.

Estavam presentes escoteiros do grupo citado, do grupo 94, o chefe Fernando Carvalho, do grupo 79 e amigos do Escotismo.

SOMBRAS

O cume da montanha imaginária
onde moras, Nobreza, é tão distante,
que mal lá chega um grito horrissonante
de hiénica figura milenária.

E tu mal a conheces! Solitária
ela vive no lodo! Suplicante,
dirige, para ti, a boca hiante,
miasmática, horrenda e funerária.

Repara! É a Miséria! Ouve o seu brado!
Ora vamos, Nobreza, dá-lhe a mão,
que o monstro está já velho e fatigado!

Depois dá-lhe as migalhas do teu pão
e hás-de vê-lo, assim transfigurado:
— o monstro... não é monstro, é teu irmão!

AZEDO CARREIRAS

O EXEMPLO DE UM MESTRE

— MODELO DE EDUCADORES

(Conclusão da 2.ª página)

porque penso muito em vós a quem esta festa (aposição da Ordem de Benemerência) mais do que a todos pertence».

* * *

Pesa-nos não saber pôr em maior relevo a sublimidade dos actos do educador cujo passamento deveria, numa homenagem voluntária, singela e eloquente, ser pretexto para exame de consciência. Seria isso mais um grande *serviço* prestado pelo Dr. Sá Oliveira ao Escotismo e, portanto, à Educação da Mocidade de Portugal.

S. L.

O valor de um rapaz

O «Strictly Financial», Associação dos Escoteiros da América, publicou este interessante estudo que oferecemos a todos aqueles amigos que se interessam pelo Escotismo e lhe têm dado o seu apoio material:

O valor económico de um rapaz, na idade dos 18 anos, foi estabelecido em 46 mil dólares. Quatro anos de Escotismo para este rapaz custam 20 dólares. O Escotismo paga grandes dividendos a um custo baixíssimo. O preço médio de prender, julgar e encarcerar um delinquente juvenil é de 450 dólares. O custo médio de internar o mesmo rapaz num reformatório é de 500 dólares anuais.

O recibo que paga a Nação anualmente por crimes é de 15 biliões de dólares. A sua contribuição pessoal para a perseguição e mantimento de ladrões, criminosos, etc., nos cárceres é de mais de 100 dólares por ano.

Os mais distintos juízes das Tutorias Juvenis, estão de acordo em que o Escotismo é um dos meios mais eficazes para prevenir a delinquência entre os rapazes.

Uma das formas de solucionar o problema do crime, é o recrutamento do maior número possível de rapazes no Movimento dos Escoteiros.

Qual será a melhor coisa a fazer-se: construir rapazes ou remendar homens? O Leitor é o Juiz.

Folhetim do "SEMPRE PRONTO„ N.º 1

UMA AVENTURA NA RÚSSIA

POR MARIA E. ROPES • Trad. de *J. S. CANUTO*

O «Sempre Pronto» inicia hoje a publicação em folhetim da emocionante novela de Maria E. Ropes «Uma Aventura na Rússia», em que o valor de dois jovens e a sua confiança em Deus são factores de sucesso no meio de perigos graves. Os acontecimentos passam-se no tempo dos Czares.

Ameaças de tempestade

Estava-se no mês de Janeiro, e o áspero inverno da Rússia tinha envolvido em neve os bosques e os pauis, detido a corrente dos rios, que apresentavam uma espessa camada de gelo e transformado os altos pinheiros e abetos em brancos fantasmas que se quedavam imóveis sob a pálida e fria luz das estrelas.

No interior, porém, da casa de João Oliver, construída sobre uma elevação de terreno, e em cuja frente ficavam as enormes chaminés de uma grande fábrica de óleos minerais, estava-se muito confortàvelmente, pois que os grandes fogões abertos nas paredes, e revestidos por fora de azulejos brancos, muito lustrosos, conservavam toda a habitação numa temperatura uniforme.

Eram cerca de onze horas, e os dois rapazinhos que vão figurar nesta história estavam já deitados. Os dois estreitos leitos de ferro achavam-se encostados um ao outro, e num deles dormia, a sono solto, o seu ocupante, que teria uns onze anos, e que era possuidor duma loira cabeleira. O irmão, porém, estava desperto, e, tendo-se assentado na cama, inclinou, após um certo tempo, a escura cabecita para o lado em que o outro estava, e, com um grande alvoroço estampado no rosto, disse a meia voz:

— Acorda, Eduardo! Quero dizer-te uma coisa. Anda, acorda!

Eduardo começou a agitar-se, e, depois de esfregar os olhos, bocejou e assentou-se na cama.

— Ah, és tu, Alfredo? — exclamou ele, ainda meio adormecido. — Estava no meio dum sonho. De que é que se trata?

— Pshiu! Não levantes a voz. É preciso evitar que Niánia apareça antes de eu te contar tudo. De que se trata, perguntaste tu? Por enquanto de nada, mas, se o que eu ouvi vem a sair certo, está para acontecer uma coisa muito grave.

— Que foi que ouviste? — interrogou Eduardo, que havia despertado por completo.

— Vou contar-te — disse Alfredo. — Depois de tu te teres deitado, e de eu ter estudado as minhas lições para amanhã, lembrei-me de que o meu patim estava quebrado, e dirigi-me, portanto, à nossa pequena oficina, pois que não tinha ali à mão com que o consertasse. Assim, porém, que lá entrei, esqueci-me do motivo por que fora àquele lugar.

— Sim? mas então porquê, Alfredo?

— Tu sabes como é delgada a parede que divide a nossa oficina da casa onde os homens guardam as ferramentas?

— Sim, e além disso está cheia de fendas...

— ...que são, felizmente, pequenas de mais para que se veja de um lado para o outro, pois de contrário podiam ter dado comigo a escutar — exclamou Alfredo.

— Mas que ouviste, afinal?

— Vais já saber. A conversa era entre um homem, cuja voz me é desconhecida, e o mestre da tanoaria, Antão Griboff.

— Ah, sim, bem sei. É aquele tipo vesgo, de cabelo empastado, e que tem uma cara que parece um pudim.

— Exactamente. Como eu ia dizendo, eles estavam conversando, e parece que havia muito tempo, pois que, segundo depreendi, estavam dando os últimos toques a uma verdadeira conspiração. Tratava-se de preparar uma greve; não uma greve no sentido próprio da palavra, mas um pretexto para grandes tumultos. Assentaram em pedir coisas que nenhum patrão pode conceder, tais como o dobro da féria, pouco mais ou menos, seis horas de trabalho em cada dia, e muitas outras coisas de que não me recordo. Mas tenho a certeza de que o papá não vai fazer caso das suas exigências.

(Continua)

ESCOTISMO É ACÇÃO

Surgem de todos os lados, de amigos do Escotismo, de Antigos-Escoteiros e de outros, a pergunta pertinaz e curiosa: — *Que é feito dos Escoteiros?* E esta interrogação vem sempre acompanhada de comentários lamentando o insucesso do Movimento e atribuindo o seu enfraquecimento a este ou àquele factor, a circunstâncias do meio, das dificuldades da vida e, até, da mentalidade da gente nova.

É possível que algumas dessas razões possam ter contribuído para o estado de debilidade a que o Escotismo chegou em Portugal, mas a grande causa desta situação reside na incapacidade dos chefes, na sua falta de idealismo, e, até mesmo, no cansaço daqueles que deveriam ter sido já rendidos na chefia dos grupos, e que, não tendo podido retirar-se a tempo, deixaram as suas unidades cair na rotina entorpecedora que conduz todos os movimentos de juventude à morte.

Não merece a pena iludir-nos. Temos de reconhecer, embora isto nos seja muito doloroso, que presentemente sobram dedos de uma só mão para contar os grupos de Escoteiros de Portugal que se encontrem realizando uma actividade que justifique a sua existência como unidades do Movimento Escoteiro. Gostaríamos que esta nossa afirmação estivesse errada, ficaríamos sobremaneira alegres se a esta Redacção começassem a chegar cartas de protesto vindas directamente dos grupos, afirmando a sua actividade, documentando a sua acção, anunciando os seus programas de trabalho. Talvez mesmo estes protestos pudessem vir acompanhados de fotografias de escoteiros com os braços repletos de insígnias de aptidão, com as segundas e primeiras classes brilhando no lugar devido. Infelizmente, porém, esses protestos não vão chegar.

Caminhou-se para esta situação porque se consentiu que os grupos fossem jazendo inactivos dentro das suas sedes, entregues a trabalhos vulgares, sem objectivos nem programas, sem entusiasmo nem vida, e não há grupo de escoteiros, por melhores chefes e rapazes que possa ter tido, que resista a um período longo de tal rotina. E quisemos hoje falar claro na esperança de que as nossas palavras, talvez um pouco duras, possam despertar reacções vivas que, na impossibilidade de virem aqui afirmar o nosso erro, queiram agir para modificar o estado de letargia em que o Movimento se encontra, para que a situação se modifique de forma tal que não possamos mais repetir tais juízos.

Não há, contudo, tempo para perder. É preciso agir e ràpidamente. Não é necessário esperar alento dos Serviços Centrais. O mal está nos grupos e é exactamente aí que terá de ser solucionado. O remédio é só um. É Pellegrin no seu belo livro «Trente Garçons» quem no-lo indica: — **«Tomar o Escotismo a sério.** Todo o Escotismo. O Escotismo de uma organização material onde nada coxeia, o Escotismo das manobras de envergadura, o Escotismo de uma técnica viva, o Escotismo da B. A. ..., o Escotismo autêntico num ambiente de alegria convencedora, de heroísmo e de dificuldade, (sim, de dificuldade, porque a dificuldade atrai e retém). Como disse Williamson: *Não se forja o aço temperado a sopros de abanico*».

O remédio está, pois, na acção, no caminho para o campo, local onde se repetirão os exercícios, os grandes jogos, de dia e de noite, de verão e de inverno, sempre com novos temas, com novas ideias, num programa de entusiasmo e de constante novidade que empolgará os escoteiros.

A sede será o laboratório onde estas actividades se prepararão, mas sempre com um programa de acção escoteira que interesse os rapazes e lhes dê trabalho constante. Num grupo de escoteiros não há lugar para a ociosidade. O sistema de patrulhas, a base de toda a acção escoteira, terá de ser rigorosamente aplicado. Não se trata de uma mera subdivisão dos escoteiros em pequenas equipas, mas do seu agrupamento em unidades que eles verdadeiramente governam com autonomia bastante, com responsabilidade, com iniciativa própria.

Desta forma os grupos reanimar-se-ão. Voltarão a ter escoteiros, a ter vida, voltarão, afinal, a ser, de facto, Grupos de Escoteiros. Podemos mesmo ter a certeza de que este resultado será alcançado. A prova está no Grupo 6 de Olhão. Temos acompanhado, através deste jornal, a sua acção, os seus jogos, os seus exercícios, actividades cheias de vida, de espírito escoteiro, onde a técnica é aplicada constantemente. Por isso o Grupo 6 prospera, reúne patrulhas de efectivos completos, caminha vitoriosamente para o futuro.

Que surjam outros grupos lançados na mesma acção e o Escotismo ressurgirá, os Escoteiros serão novamente vistos, e nunca mais ninguém perguntará: — *Que é feito dos Escoteiros?*

LOBO VELHO

O IV Centenário da cidade de S. Paulo

Acampamento Internacional de Patrulhas

Todas as Regiões Escoteiras do Brasil se preparam activamente para este grande acampamento, integrado nas comemorações do Centenário da cidade de S. Paulo. O acampamento será inaugurado em 27 de Julho próximo e será encerrado solenemente em 3 de Agosto. O local é em Interlagos, aprazível recanto situado nas margens da Represa de Guarapiranga, no Estado de S. Paulo, dotado de bosques sombrosos, planuras verdes e águas navegáveis. Trata-se, portanto, de uma região ideal para uma actividade desta natureza.

Espera-se que tomem parte no acampamento, 800 escoteiros, sendo 400 das representações das regiões escoteiras do Brasil, outros 200 de S. Paulo e mais 200 estrangeiros. O acampamento funcionará rigorosamente pelo sistema de patrulhas, cada uma de 7 escoteiros, devendo ter pelo menos a segunda classe e um deles a primeira classe, com um mínimo de 13 anos e o máximo de 18 anos de idade.

A alimentação será fornecida pela Região de S. Paulo, ficando as despesas de viagem a cargo dos visitantes, devendo cada patrulha ser portadora do seu equipamento de campo.

Os escoteiros de S. Paulo trabalham activamente para que este acampamento resulte num grande acontecimento escoteiro e sirva para fortalecer a amizade entre todos os participantes. O sr. Benjamim Cohen, secretário geral adjunto para a Informação Pública e presidente da Associação dos Escoteiros das Nações Unidas, referindo-se a este acampamento, disse que ele «será, também, uma eloquente afirmação dos vínculos de afecto criados em torno dum ideal comum, entre membros de todas as raças e religiões que habitam as generosas pátrias americanas.

«O ideal de fraternidade dos Escoteiros é mais necessário agora que antes para restabelecer a concórdia entre as nações, separadas por duas guerras mundiais em bandos antagónicos e que anelam reconstruir as suas vidas num ambiente de paz e cooperação internacionais.

«Esse ambiente propício à recíproca compreensão e à convivência pacífica dos povos existe já entre os Escoteiros e, se o propõem, conseguirão fazê-lo extensivo a todos os seus respectivos compatriotas.

«Em S. Paulo poderão os Escoteiros das Américas forjar, com as suas mãos jovens e vigorosas, os elos de uma cadeia de solidariedade humana que circunde o mundo.

«Esta é uma nota de honra a servir os princípios sobre cuja base as Nações Unidas procuram erigir um mundo melhor, de justiça económica e social para todos os seres humanos, e de paz duradoura entre todos os países.

«Os Escoteiros das Nações Unidas estarão convosco em espírito».

Poderemos acrescentar que os Escoteiros portugueses, mesmo aqueles que não puderem fazer parte da representação a enviar a S. Paulo, estarão também presentes em S. Paulo com o seu espírito de amizade fraternal, tanto mais forte quanto é certo que os laços de fraternidade escoteira são reforçados, entre nós, pelos laços não menos fortes da raça e da língua.

• • o • •

«ECOS DE BELÉM»

Este simpático semanário, defensor dos interesses da freguesia de Belém, referiu-se ao nosso aniversário com votos de progresso que agradecemos, com iguais desejos para o «Ecos de Belém».

II EXPOSIÇÃO ESCOTISTA

Promovido pelo Grupo n.º 2 dos Escoteiros de Portugal, realizou-se na antiga sede da A. E. P., na rua de S. Paulo, uma interessante exposição escotista, na qual figuraram livros, jornais, fotografias, cartazes e outras recordações do Movimento nos anos passados.

A exposição estava dividida por salas, cada uma delas ocupando-se de um assunto. Na sala «Portugal» viam-se colecções dos mais diversos documentos, cartões de identidade, estatutos e regulamentos, tanto da A. E. P., como do Corpo Nacional de Escutas. Também se expunham nesta sala muitas edições escotistas nacionais e estrangeiras, fotografias, bem como publicações e uma reportagem da 1.ª Exposição de Defesa Civil, realizada em 1937 pelo Grupo 16 de Carcavelos.

Na sala dos Fundadores, era prestada homenagem aos pioneiros do Escotismo em Portugal e a Baden Powell. Cerca da entrada, viam-se recortes de «O Século», de uma campanha, a favor do Escotismo, feita em 1912. Troféus do grupo 2, livros e publicações.

Na sala «Escotismo no Mundo», viam-se postais, livros, obras literárias de B.-P., autógrafos do Fundador e de sua Esposa, filatelia escotista, etc..

Na Sala dos Colaboradores figuravam trabalhos manuais, fotografias e jornais escoteiros de Portugal e Brasil.

Despertaram muito interesse no público o busto de B.-P., feito pelo escoteiro Manuel Celso, do Grupo 5, e a famosa colecção de entomologia do sr. David da Fonseca, que tem figurado já noutras exposições, mas que se apresenta sempre com novos espécimes e se vê sempre com o mesmo interesse.

Colaboraram na exposição os grupos 5, 9 e 85 e serviços diplomáticos da Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Noruega e Alemanha.

A Exposição foi inaugurada no dia 27 de Janeiro pelo sr. comandante Henrique Tenreiro, presidente da A. E. P., com a presença do sr. dr. Cortês Pinto, presidente do Tribunal de Honra; dr. Alfredo Tovar de Lemos, presidente da Fraternal dos Antigos Escoteiros; membros da Direcção da A. E. P., srs. Lima Santos e Rev. Padre Ferreira da Silva, da Junta Central do Corpo Nacional de Escutas; representantes dos serviços diplomáticos da Inglaterra, Noruega, Indonésia, Estados Unidos da América e Alemanha. Estavam presentes muitos antigos escoteiros e representantes dos grupos 5, 9, 55, 79, 84, 85, 93 e 94.

A exposição conservou se aberta até 14 do corrente e mereceu as melhores referências de todos os visitantes, não só pelo número elevado de documentos expostos, mas ainda pela sua organização.

Esta exposição foi a segunda no seu género, visto que a primeira se efectuou, talvez no ano de 1925, na Câmara Municipal de Lisboa. Embora nessa época o Escotismo não tivesse ainda tanta história e, portanto, tanta documentação para expor, sabemos que essa I Exposição foi interessante e teve bastante repercussão, tendo-lhe a Imprensa feito largas referências.

* * *

O «Sempre Pronto», que foi convidado e esteve presente ao acto inaugural, deseja não só felicitar os organizadores da exposição, mas ainda agradecer a homenagem que quiseram prestar ao nosso mensário, o jornal dos Escoteiros de Portugal que tem alcançado uma maior difusão, mais regular e mais demorada publicação, honrando-o com a ausência, visto tratar-se de uma exposição de coisas passadas e esquecidas. Compreenderam, e bem, os organizadares, que o «Sempre Pronto», é já tão conhecido, que seria desnecessário incluí-lo nas curiosidades expostas. Isto só prova a honestidade com que a exposição foi feita e o espírito escoteiro dos seus consagrados dirigentes.

No 10.º ano de publicação, o "Sempre Pronto,, lança uma campanha para novos assinantes

O «Sempre Pronto» entrou no 10.º ano de publicação e projecta aproveitar este ano para dar uma maior divulgação ao jornal, procurando aumentar o seu interesse, incluíndo novas secções, versando novos temas, procurando servir cada vez melhor os seus leitores. Para isso necessitamos da colaboração de todos os amigos do «Sempre Pronto» e é essa colaboração que vimos aqui pedir, solicitando de todos os nossos leitores a sua ajuda nos novos projectos do nosso jornal, dando-nos as suas sugestões e alvitres, conselhos e mesmo discordâncias.

Para a execução dos nossos planos, porém, precisamos de criar condições necessárias capazes de suportar os novos encargos do jornal. Carecemos, por isso, de novos assinantes, de um bom número de novos assinantes. Nesta campanha do 10.º ano de publicação teremos de interessar os nossos leitores e amigos e, estamos certos, de que com a ajuda de todos vamos conquistar um êxito que assegurará ao «Sempre Pronto» um novo programa de trabalho.

A campanha começou já pelos membros do nosso corpo redactorial e administrativo e deu já os seguintes resultados:

6 novos assinantes e mais 5 para Vila Real de Santo António. Estes últimos constituem a resposta do nosso Correspondente naquela risonha vila algarvia, chefe José Manuel Pereira, ao nosso apelo para esta campanha. Portanto, a campanha, abre já com 11 novos assinantes. Precisamos de mais. Apelamos com o maior interesse para todos os nossos amigos. Mandem-nos nomes por favor. Mesmo a título de experiência. O 10.º ano de publicação do «Sempre Pronto» deverá ser uma data que assinalará uma maior expansão deste jornal que é pertença de todos nós.

DO ENTRONCAMENTO

Homenagem ao Presidente do Grupo 84

*

Por motivo do seu 63.º aniversário, no passado dia 27, uma comissão prestou homenagem ao sr. José Duarte Coelho, oferecendo-lhe uma salva de prata no valor de alguns milhares de escudos, adquirida por subscrição nesta vila.

Às 15,30, no salão nobre da Câmara Municipal, depois dos discursos proferidos por diversas entidades e pelo homenageado, este, comovido, assomou à varanda do Município para agradecer as manifestações dos milhares de pessoas reunidas no largo fronteiro à Câmara, onde se encontravam também o Grupo de Escuteiros do 84 com a sua banda, bombeiros voluntários e os estandartes das colectividades.

Ao ser descoberto pelo povo, ouviram-se frenéticas palmas e vivas, tendo a banda dos Escoteiros saudado o seu presidente, tocando o seu hino.

Esta homenagem foi, sem dúvida, justíssima, pois ao sr. José Duarte Coelho, presidente da Câmara e do Grupo 84, deve o Entroncamento os seus incalculáveis progressos. — C.

● No primeiro dia do ano o chefe do nosso Grupo reuniu em sua casa todos os escoteiros do «84» afim de escutarem a Mensagem que, através da Emissora Nacional, o presidente dos Escoteiros de Portugal, sr. comandante Henrique Tenreiro, dirigiu a todos os escoteiros.

No fim, os escoteiros manifestaram o seu júbilo com calorosos vivas a Portugal, ao Escotismo e ao presidente da A. E. P. — C.

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

SERVIÇOS CENTRAIS

Novos cargos associativos

No dia 18 do corrente, o sr. comandante Henrique Tenreiro, presidente dos Escoteiros de Portugal, deu posse no seu gabinete aos adjuntos do escoteiro-chefe geral, srs. Luís Grau Tovar de Lemos e Albano da Silva.

Os novos dirigentes associativos, têm uma larga folha de serviços, tendo chefiado durante muitos anos os grupos n.os 2 e 1, respectivamente, tendo já desempenhado por diversas vezes cargos associativos de relevo.

Ao acto assistiu o sr. comodoro Duarte Silva, escoteiro-chefe geral, e outros dirigentes superiores do Movimento.

«Sempre Pronto», cumprimenta os adjuntos da chefia geral, desejando-lhes muitos êxitos na sua acção.

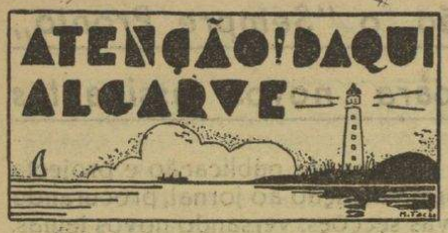
★ ● ★

O ANIVERSÁRIO DO «SEMPRE PRONTO»

Por motivo do 9.º aniversário do «Sempre Pronto», recebemos uma gentil carta do nosso estimado amigo sr. João Bastos Nunes que, com a sua experiência de jornalista, nos dirige palavras amigas e de apreço pelo nosso trabalho, extensivas a todos os nossos colaboradores. Agradecemos reconhecidos e retribuímos as saudações expressas.

Pelo mesmo motivo, o nosso dedicado agente-correspondente em Angra do Heroísmo, sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, enviou saudações a todos os membros do nosso jornal, que nós agradecemos e retribuímos com tanta mais simpatia quanto é certo que Moniz Silva é um dos bons colaboradores do «Sempre Pronto».

A todos os amigos que nos saudaram por este motivo, endereçamos os nossos melhores agradecimentos.



Grupo n.º 6 — Olhão

29.º aniversário

Passou no dia 17 de Janeiro o 29.º aniversário deste grupo, que foi comemorado na intimidade, com a única manifestação para o público de um desfile nas ruas da vila. Realizou-se também um torneio de voleibol entre três equipas do grupo, e um chá de confraternização a que presidiu o sr. Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, que foi um escoteiro muito dedicado do «6» e ocupa hoje o alto cargo de presidente da Câmara Municipal desta vila.

A festa para os sócios e simpatizantes deste grupo, à qual esperamos dar o relevo do costume, deverá ser efectuáda em 25 de Abril próximo.

Exercício de Pistas

Os Caminheiros da patrulha «Patrão Lopes» organizaram um interessante exercício de pistas para as patrulhas escoteiras cujo tema foi executado com entusiasmo e dizia: «Um grupo de escoteiros de outra localidade tinha sido encarregado de proceder a um levantamento topográfico de determinada zona dos arredores de Olhão e pedia a ajuda do nosso grupo que devia estar junto da Ponte de Marim a determinada hora, onde encontrariam uma mensagem. Esta convidava a seguir uma pista que começava próximo daquela ponte, pois que eles, os escoteiros do outro grupo, já tinham começado o trabalho e só pelo seguimento da pista poderiam ser encontrados. Na execução do tema foi necessário resolver muitos problemas de técnica escotista como, por exemplo, construir uma ponte de cordas para atravessar um ribeiro, etc.. A certa altura deparou-se-lhes o acampamento dos tais escoteiros destroçado por uma cheia. Próximo jazia um deles que tinha um papel preso na camisa informando ter sido afogado. Assim, a patrulha que ia seguindo aquele troço de pista teve de prestar os socorros devidos. Houve que atravessar uma região incendiada, próximo da qual estava um outro escoteiro asfixiado pelo fumo. Foi preciso socorrer outros escoteiros feridos e receber várias mensagens por Morse e por homógrafo. Cada patrulha seguia um troço de pista, por sua vez, marchando um tanto adiante das restantes. O exercício começou às 7,30 horas da manhã e acabou às 13.

Concurso «Antero Nobre»

As patrulhas escoteiras (juniores) preparam-se e treinam-se activamente para as provas deste concurso que se desenvolverão durante todos os domingos de Março e também durante muitas noites de semana do mesmo mês. — C.

Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

Deixou-nos, para fixar residência em Lisboa, o instrutor e grande amigo do «60», Ilídio Custódio Gonçalves. É mais um «novo», empreendedor e activo, que a capital nos arrebata e que, estamos certos, continuará dando à boa causa do Escotismo, a sua preciosa colaboração. Depois do Manuel Tacão Monteiro, actual Subchefe do «94», e do João Reganha Pereira, Subchefe do «85», ambos antigos dirigentes do «60», onde tão boas provas prestaram, coube agora a vez ao Ilídio Gonçalves. Que seja feliz e que a vida lhe corra propícia.

● No «60» trabalha-se com entusiasmo para obtenção do maior número possível de «segundas classes» até à festa do aniversário do Grupo, que se comemora no dia 4 de Abril próximo. — C.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

A Associação dos Escoteiros da América, que tem hoje mais de três milhões de membros, resolveu construir um edifício em Nova Jersey para instalar os diferentes departamentos da Sede Nacional que têm funcionado em vários edifícios de Nova Iorque.

O edifício, que será enorme, constará de dois pisos e será construído num terreno de quarenta acres e custará três milhões de dólares, 84.000 contos na nossa moeda.

Ficarão também instalados nesse edifício o armazém central de equipamento, o departamento editorial e outras secções.

A revista «Boys Life», que a mesma associação publica mensalmente, alcançará este ano a tiragem anual de um milhão de exemplares.

O Conselho Nacional dos Escoteiros da América reunirá na cidade de Washington durante os dias 28 e 29 de Maio com a participação de 2.500 membros procedentes de todo o país. Espera-se que o Presidente Eisenhower faça importantes declarações sobre Escotismo.

CIÊNCIA E PACIÊNCIA

Solução do Problema N.º 22

EMBELECAR — ESPAIRECER
OCTOGÉSIMOS — TOPETES — DOS

O Escoteiro está sempre alegre e bem disposto

CAFÉ NICOLA

O CAFÉ DOS BONS APRECIADORES

VENDA A PESO PARA TODO O PAÍS

PEDIDOS PARA A

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 33-1.º
TELEFONE 30578

SECÇÃO DE VENDAS A RETALHO:

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 37 — LISBOA

Fábrica de Farinhas
para Alimentação
de Animais
DE
A. R. DE FIGUEIREDO, L.DA

Rua Fernando Palha, 63 (Poço do Bispo)
Telefone 39 071 / LISBOA

MATERIAL COLECTIVO

O material colectivo pertence a todos. Por isso se o escoteiro, digno de o ser, cuida atentamente do seu material individual, maior cuidado deve prestar ao que pertence à patrulha ou ao grupo. Os cuidados pelo material que a todos pertence devem ser ainda maiores do que os cuidados que temos com aquele que é exclusivamente pessoal.

A tenda, o tapete isolador para o solo, estacas e respectivo maço ou machadinho, devem estar sempre dentro do correspondente saco, havendo sempre o maior cuidado em não arrumar qualquer peça que esteja húmida porque inevitàvelmente se estragará. A volta do campo, ainda mesmo que ao desarmar-se a tenda tenha sido feita uma ligeira limpeza, deverá o escoteiro da patrulha especialmente incumbido do material colectivo (guarda de material), arejar a tenda, limpá-la, coser qualquer rasgão ou reparar qualquer esticador.

É' uma vergonha para uma patrulha apresentar a tenda com nódoas ou rasgões, ou algum esticador que não possa ser utilizado convenientemente.

As machadas devem estar sempre afiadas e sem ferrugem, o gume coberto por uma protecção de couro. Para as preservar da ferrugem, é bom passar as peças metálicas com gordura.

O material de cozinha, muito bem lavado, deve guardar-se destapado para não criar cheiro. A falta de asseio pode dar como resultado estragar-se a comida ou mesmo algum envenenamento.

Pelo mesmo motivo, bilhas com azeite ou vinagre, recipientes com sal e pimenta, devem esvaziar-se sempre que se não preveja a sua próxima utilização.

Os fogões de petróleo e lanternas devem também conservar-se limpos.

deverão guardar-se os artigos de costura indispensáveis, tais como alguns botões, agulhas e linhas. Juntar também neste saco alguns cordéis porque estes são sempre úteis e necessários. Se levares mais alguns no bolso não perderás por isso.

No uso da bússola devemos ter o cuidado de não a colocar na proximidade das linhas eléctricas, de terrenos com minério, de linhas de caminho de ferro, de objectos de ferro, de aço ou de níquel, porque estes prejudicam a orientação da agulha magnética. Devemos afastar-nos, pelo menos, cinco metros das linhas de C. F..

Se queremos orientar um mapa, basta colocar a seta que nele indica o Norte, na mesma direcção do Norte geográfico encontrado na bússola. Na falta da seta está convencionado que a linha N-S é paralela às margens laterais do mapa.

A segunda preocupação é a de determinar qual o ponto do mapa em que nos encontramos e o ponto aonde nos pretendemos dirigir e assim, confrontando com a bússola, sabemos a direcção em que devemos marchar, seguindo em corta-mato, isto é, em linha recta, ultrapassando todos os obstáculos.

Declinação magnética

Chama-se declinação magnética ao ângulo formado pelo centro da bússola, o Norte geográfico e o Norte magnético e que, no nosso país, é de cerca de 12 W.

É interessante saber que a declinação magnética não é igual em todos os pontos da terra e que ela diminui em cada ano 9 minutos. Como sabeis um grau tem 60 minutos e um minuto tem 60 segundos. (Não deveis fazer confusão com a medição das horas que é semelhante a esta).

Hoje há uma tendência para substituir esta numeração por uma numeração decimal em que a circunferência tem 400 grados e o ângulo recto tem 100 grados. Por sua vez o grado tem 100 minutos centesimais e o minuto tem 100 segundos centesimais. Quando nos servimos de uma bússola devemos ter o cuidado de nos certificarmos prèviamente da medida usada.

Algumas cartas indicam a declinação, mas não podemos aceitar essa indicação como absolutamente exacta, visto que ela vai estando desactualizada à medida que os anos passam sobre a data da publicação.

Orientação pelo relógio

Embora sem a precisão da bússola, o relógio poderá servir para nos orientarmos desde que o Sol esteja descoberto.

Procede-se da seguinte forma:

1.º Dirigir o ponteiro das horas para o Sol;

2.º Dividir ao meio o ângulo que se forma se imaginarmos unidos por linhas rectas os três seguintes pontos: extremidade do ponteiro das horas, centro do relógio e algarismo das 12 horas.

A linha divisória indica o Norte-Sul, devendo ter-se em consideração que:

a) Se ainda não é meio dia, o Sol fica à direita do ponteiro das horas;

b) Se já passa do meio dia o Sol fica à esquerda. (A gravura abaixo ajuda a compreender).

Estas indicações entendem-se para o nosso país e para todo o hemisfério Norte. No hemisfério Sul, temos de contar que o Sol se apresenta do lado contrário, estando ao meio dia no Norte.

NNE = Nor-nordeste
NNO = Nor-noroeste (ou NNW)
ENE = Lés-nordeste
ONO = Oés-noroeste (ou WNW)
ESE = Lés-sueste
OSO = Oés-sudoeste (ou WSW)
SSE = Sul-sueste
SSO = Sul-sudoeste (ou SSW)

●

14) Orientação pela bússola e pelo relógio

Bússola

Chama-se *orientar*, a determinação de uma direcção, particularmente do Norte, visto que, conhecido este, é-nos possível fàcilmente determinar qualquer outro ponto. Podemos dispor para isso de um aparelho muito simples denominado *bússola*. A bússola terrestre, aquela que interessa ao nosso caso, é constituída por uma agulha, muito leve, de aço, de duas pontas, uma das quais é magnetizada. Esta agulha é assente num eixo sobre o qual gira livremente e está encerrada numa caixa com tampa de vidro, a fim de estar ao abrigo das agitações do ar.

O fundo da caixa tem desenhado uma circunferência com a Rosa dos Ventos ou, pelo menos, com os pontos cardiais. A circunferência está geralmente dividida em 360 graus ou, menos vulgarmente, em 400 grados. A ponta magnetizada é dada um tom azulado.

Para nos orientarmos, colocamos a bússola bastante horizontalmente e, depois de um breve período em que a agulha se agita (diz-se que «está maluca»), esta pára e aponta sempre um ponto determinado. É o Norte, mas o Norte magnético. O Norte geográfico encontra-se um pouco à direita. Fazemos coincidir a Rosa dos Ventos da bússola com a agulha, colocando esta cerca de 12 graus à esquerda. As bússolas indicam muitas vezes o ponto do norte magnético com um traço negro ou uma flecha.

13) 16 pontos principais da Rosa dos Ventos

Todo o escoteiro deve saber desenhar uma Rosa dos Ventos apresentando, ainda que rudimentarmente, os 16 pontos principais. Examina a gravura abaixo e aprende a forma de representar abreviadamente os referidos pontos.

Pontos cardiais — São quatro:

N = Norte
S = Sul
E = Leste (ou Este)
O = Oeste (ou W)

Pontos colaterais — São também quatro e situam-se entre aqueles:

NE = Nordeste
NO = Noroeste (ou NW)
SE = Sueste
SO = Sudoeste (ou SW)

Pontos subcolaterais — São oito e situam-se entre aqueles oito primeiros:

15) Acender uma fogueira com o máximo de dois fósforos e nela cozinhar um prato ligeiro e preparar café, chá ou cacau.

A habilidade do escoteiro evidencia-se na maneira como acende e conserva uma fogueira.

Devem ter-se em consideração certas regras ditadas pela experiência, sem a observância das quais o escoteiro, por mais que se esforce, não conseguirá obter lume persistente.

1.ª regra — Escolher lenha seca. Quando a humidade seja pouca poderá raspar-se ou cortar-se a parte exterior. Guardar as achas húmidas e aqueles restos perto do fogo para irem secando;

2.ª regra — Acender as fogueiras sobre terreno seco e afastar de tudo que possa ocasionar a propagação do fogo. Não havendo terreno seco, cobrir o solo com um estrado de achas ou sòmente com uns pedaços de papel. Se houver ervas, ter o cuidado de as arrancar em redor do local da fogueira;

3.ª regra — Não abafar o lume. Não é a muita lenha que faz as fogueiras boas; é a lenha utilizada com critério. Começar com pequenas aparas de lenha colocadas em forma de cone, acender por baixo o fósforo, auxiliando-se com uma bola de papel, ervas secas ou bocaditos de lenha. A lenha seguinte deverá ir sendo sempre colocada de forma idêntica e não atirada ao calhar para cima da chama.

As fogueiras precisam de ser ventiladas; dispõem-se sempre numa direcção em que o vento lá lhes chegue. O ar é necessário à combustão de qualquer corpo.

Damos a seguir algumas gravuras de fogueiras de campo. Melhor será praticá-las do que demorarmo-nos com longas e pouco proveitosas explicações escritas.

O uso dos fogões de petróleo está-se alargando e é recomendável. Poupa o material de cozinha e dispensa a lenha que, muito frequentemente, se não pode obter. Mas o escoteiro deve estar preparado para a emergência de não ter fogão ou este se avariar.